



MEMÓRIAS QUE HABITAMOS: INVENTÁRIO DA ARQUITETURA NEOCOLONIAL NA REGIÃO SERRANA DE SANTA CATARINA

SANTOS, Lilian Louise Fabre (1); MORAES, Lia Cristina (2); PACHECO, Tatiana Leonor (3).

1. UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina. Pós-ARQ.
arqlilianfabre@gmail.com

2. arq.liacmoraes@gmail.com

3. UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina. Departamento de Arquitetura e Urbanismo.
tatiana_leonorpacheco@hotmail.com

RESUMO

Este artigo objetiva relatar a experiência do projeto “A arquitetura Neocolonial em Santa Catarina: do erudito ao popular - etapa Região Serrana”, contemplado pelo Prêmio Elisabete Anderle de 2020. Tal projeto fundamenta-se no projeto piloto feito em Florianópolis sobre o papel que a arquitetura neocolonial assumiu na cultura catarinense entre 1930 e 1960. Assim, foi possível estender a iniciativa para a mesorregião serrana, englobando suas cidades mais antigas: Lages, Anita Garibaldi, Bom Retiro e Curitibanos. Destacamos que o estilo é marcante na paisagem urbana local, visto que o principal ciclo econômico que desenvolveu tais cidades foi a exploração da madeira entre 1940 e 1960, período de popularização do neocolonial. Desse modo, justificamos a importância da pesquisa não só para a compreensão dos desdobramentos do neocolonial no interior do estado, mas também para influenciar a formulação de futuras políticas de preservação deste patrimônio ora ameaçado. O projeto durou doze meses, empregando os seguintes procedimentos metodológicos: pesquisa documental, bibliográfica e iconográfica; levantamento de campo e inventário; entrevista com os moradores e coleta de depoimentos; divulgação do projeto nas redes sociais “Memórias que habitamos”, valorizando não só os aspectos arquitetônicos das edificações, mas também as relações afetivas que as dão sentido como patrimônio cultural.

Palavras-chave: Inventário; Arquitetura neocolonial; Patrimônio catarinense; Mesorregião serrana; Prêmio Elisabete Anderle.

ABSTRACT

This article aims to report the experience of the project "Neocolonial architecture in Santa Catarina: from the erudite to the popular - Mountain Region stage", awarded by the Elisabete Anderle Prize of 2020. This project is based on the pilot project carried out in Florianópolis about the role played by neocolonial architecture in Santa Catarina's culture between 1930 and 1960. Thus, we extended the initiative to the Mountain Region, encompassing its oldest cities: Lages, Anita Garibaldi, Bom Retiro, and Curitibanos. The style is remarkable in the local urban landscape, since the main economic cycle that developed these cities was the exploitation of wood between 1940 and 1960, period when the neocolonial style became popular. We justify the importance of the research for understanding the development of the style in the interior of the state, but also for the formulation of future policies for the preservation of this threatened heritage. The project lasted twelve months, employing the following methodological

procedures: documental, bibliographic and iconographic research; field survey and inventory; interviews; dissemination of the project on social media "Memories we inhabit", valuing not only the architectural aspects of the buildings, but also the affective relationships that give them meaning as cultural heritage.

Palavras-chave traduzidas: *Inventory; Neocolonial architecture; Santa Catarina's heritage; Mountain region; Elisabete Anderle Award.*

1 INTRODUÇÃO

Este artigo deriva das experiências do projeto cultural “A Arquitetura Neocolonial em Santa Catarina: do erudito ao popular – etapa Região Serrana¹, contemplado pelo Prêmio Elisabete Anderle de 2020, edital de incentivo à cultura do estado de Santa Catarina. Projeto este que objetiva realizar pesquisa teórica e prática sobre o papel da arquitetura neocolonial no estado e fomentar discussões sobre a valorização do estilo na realidade local da Mesorregião Serrana, com foco nas quatro cidades mais antigas: Lages, Anita Garibaldi, Bom Retiro e Curitibanos.

A produção arquitetônica neocolonial, embora constitua parte da memória social e tenha importância historiográfica para a compreensão do período moderno brasileiro e catarinense, ainda é um tema acadêmico e institucionalmente pouco estudado. Grande parte das publicações científicas e iniciativas de salvaguarda patrimonial da arquitetura nacional do século XX tem como cerne o movimento modernista.

Isto posto, a pesquisa pretende contribuir para o estudo e o conhecimento das manifestações do estilo neocolonial em Santa Catarina, em especial na Mesorregião Serrana, onde é possível constatar um número expressivo de edificações residenciais neocoloniais, isto pois o período de difusão do estilo coincide com o período de maior crescimento urbano da região por conta do ciclo de exploração da madeira araucária, entre as décadas de 40 e 60.

Destarte, a formulação do problema parte da desvalorização da arquitetura residencial neocolonial nas cidades pesquisadas, dado seu caráter mais modesto e a crescente pressão imobiliária que impulsiona a demolição de muitos exemplares. Esses fatores, em conjunto com a escassez de políticas públicas de preservação do patrimônio edificado, em sua maioria restritas a exemplares de arquitetura monumental e excepcional, resultam também em descaracterizações, bem como no isolamento em meio a edifícios verticais. Diante disso, tomamos como objeto de estudo a produção da arquitetura neocolonial na Mesorregião Serrana para compreender seus impactos na construção da identidade individual e coletiva da Serra Catarinense.

¹ Sua elaboração é continuidade do projeto piloto realizado no distrito sede da capital de Santa Catarina - Florianópolis, intitulado “A arquitetura Neocolonial em Santa Catarina: do erudito ao popular”, contemplado pelo Prêmio Elisabete Anderle de 2019 e coordenado por Vanessa Pereira, Anna Pimentel e Luiz Eduardo Fontoura Teixeira. Ação amparada não somente na consultoria da equipe do inventário piloto, mas também na licença para o uso do material produzido e adaptação dos procedimentos metodológicos à realidade local.

Em suma, justificamos nosso projeto sobretudo através de seu potencial para o reconhecimento de bens culturais imóveis que detém valores históricos, arquitetônicos e afetivos, e que se encontram ainda preservados, porém sem nenhuma forma de proteção legal.

Logo, nosso objetivo principal consiste no desenvolvimento de pesquisa teórica e de campo através do inventário das edificações neocoloniais. Porém, compreendemos que a mobilização da pesquisa também pode ser uma ferramenta de promoção e conscientização para a preservação do patrimônio cultural. Assim, o projeto cultural aprovado conta com diversas ações de divulgação, fazendo uso das redes sociais e promovendo ações educativas com a comunidade local e público especializado.

Por conseguinte, pretendemos especificamente: promover a busca de referências bibliográficas existentes sobre a produção de arquitetura neocolonial no Brasil e em Santa Catarina; formular material teórico científico de referência sobre o tema, construindo o quadro geral técnico e socioeconômico do contexto em que se deu a construção dessas arquiteturas na mesorregião serrana; refletir sobre os valores históricos, tecnológicos, funcionais e afetivos desse estilo para a construção da identidade catarinense; promover a disseminação de conhecimento para a academia e sociedade civil sobre a produção da arquitetura neocolonial no Estado; fornecer material técnico consistente para os órgãos de preservação do patrimônio cultural do estado e municípios; promover um inventário por meio do levantamento de campo na área de estudo; mapear as edificações e comparar com as cartografias urbanas da cidade de Lages do período para compreender os primeiros eixos de evolução urbana do centro; e por fim aprofundar o conhecimento técnico sobre as características funcionais e estéticas dessas arquiteturas entre 1930 e 1960.

Para a efetivação dos objetivos, adotamos os seguintes procedimentos metodológicos: pesquisa bibliográfica e iconográfica sobre a produção do estilo neocolonial desde a escala continental até o contexto das cidades estudadas; pesquisa documental no arquivo histórico do Museu Thiago de Castro em Lages e acervos pessoais; mapeamento preliminar de edificações através do Google Streetview; levantamento de campo e fichamento para a realização de inventário de varredura com base na metodologia de identificação e atribuição de valor destes bens criada pelo projeto piloto; e finalmente a divulgação do conhecimento nas redes sociais.

Destacamos também como aspecto fundamental que incorpora todas as nossas ações a valorização de aspectos que vão além da materialidade do bem e da atribuição de valor apenas por profissionais especializados, por meio da coleta de relatos sobre a memória afetiva dos proprietários das edificações inventariadas. Daí deriva-se o nome das nossas redes sociais: *memórias que habitamos*. Ademais, considerando o período de pandemia por Covid-19, ressaltamos que adaptações dos procedimentos metodológicos estão sendo feitos durante o desenvolvimento do projeto, principalmente no que tange ao alcance do inventário de campo, que em boa parte se limita aos elementos externos, e no contato com os moradores.

Ante o exposto, remete-se ao segundo capítulo, resultante da pesquisa bibliográfica, documental e iconográfica acerca da arquitetura neocolonial e da história urbana da Serra Catarinense. Em seguida, no capítulo terceiro, apresentamos a abordagem da pesquisa, descrevendo as etapas de pesquisa teórica, de levantamento de campo e inventário e de ações de divulgação e promoção do patrimônio. Por fim, no último capítulo, apresentamos as dificuldades enfrentadas na execução do projeto, pontuando as soluções adotadas e as futuras perspectivas e resultados da pesquisa.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E TEÓRICA

2.1 A HISTÓRIA DA ARQUITETURA NEOCOLONIAL NO BRASIL

O território brasileiro herdou características bastante definidas das tradições urbanísticas de Portugal, como a uniformidade das vilas e cidades, as residências alinhadas às vias públicas e paredes laterais sobre os limites dos terrenos. Além de definirem as ruas, as edificações eram construídas com técnicas primitivas características da sociedade colonial, resultando em uma padronização que passou a ser inserida nas Cartas Régias e nas posturas municipais para garantir uma aparência portuguesa ao Brasil colonial (FILHO, 1970).

Até os primeiros anos do século XIX ainda eram poucas e discretas as modificações e transições na forma arquitetônica e urbana das cidades. Foi a partir da inserção do Brasil no mercado mundial, com abertura de portos, a importação de novos materiais e equipamentos e o surgimento de ferrovias, que novas soluções construtivas mais eficazes passaram a ser empregadas (FILHO, 1970).

Nesse período, havia um consenso de que os brasileiros não possuíam tradições artísticas de qualidade. Por isso, as cidades eram modeladas a partir do estrangeiro, adotando o estilo eclético, o qual era baseado nos nobres estilos europeus, com as fachadas ornamentadas. Por exigirem elementos que ainda não eram industrializados no Brasil, havia uma grande dependência da importação de ferragem (Bélgica), cimento e telhas (França), mármore coloridos (Itália), louças sanitárias e materiais elétricos (EUA). Havia, também, uma alta demanda de estilos distintos para sustentar essa linguagem europeizada (FILHO, 1970).

Com o avanço da Primeira Guerra Mundial, as importações de materiais foram interrompidas, levando à escassez dos produtos e a um período de incertezas. Além disso, havia a vulnerabilidade do posicionamento burguês, a qual aflorou quando a Rússia, em 1917, exterminou a família imperial, o que poderia ser uma ameaça à classe burguesa e à sua posição. Diante disso, ao buscar poder através da estética, surgem discussões sobre uma nova identidade nacional a ser exaltada, com o intuito de abandonar a imagem europeia adotada até então (BRANDÃO, 2013).

Assim, surge o neocolonial com a premissa de refletir um estilo tradicionalista sem deixar de lado as inovações construtivas até então conquistadas. Resulta disso uma arquitetura prática e versátil que resgata elementos da arquitetura colonial, como as telhas capa e canal com beiral, varandas, azulejo, entre outras características. Essa arquitetura traz também soluções tecnológicas para a prática do morar: as áreas molhadas como banheiros acoplados à casa e não mais fora dela, e a casa desprendida dos limites do lote, tornando os ambientes mais confortáveis, iluminados e ventilados (BRANDÃO, 2013).

Em 1914, o engenheiro Ricardo Severo, em uma conferência realizada em São Paulo, iniciou a fundamentação da arquitetura nacional, evidenciando na arquitetura colonial um estilo que era herdeiro da cultura ibérica e das suas reconhecidas tradições artísticas. Severo afirmava, também, que a cultura indígena brasileira era muito primitiva e inadequada esteticamente para expressar a tão desejada modernidade do século XX, impulsionando a busca de inspiração na arquitetura do período colonial. Foi através de sua influência no meio burguês que Severo conseguiu destaque, uma vez que a burguesia foi a principal classe interessada na busca pelo poder e por uma nova identidade nacional (BRANDÃO, 2013).

Outra figura de destaque para as discussões iniciais sobre a arquitetura neocolonial, foi José Mariano Filho, que apesar de não ter formação em arquitetura ou engenharia, foi médico, mecenas e historiador. Este trouxe à tona no Rio de Janeiro a defesa do estilo nacional, e de 1920 a 1940, expandiu a discussão para além da burguesia para fortalecer o movimento e a compreensão de sua importância sem que este se tornasse um modismo passageiro determinado pelos burgueses. Com isso, José Mariano participou de organizações entre arquitetos e artistas plásticos, mobilizando os profissionais em prol da consolidação do estilo no meio acadêmico, em associações, sociedades e entidades de classe ligadas à construção civil (BRANDÃO, 2013).

Naturalmente, José Mariano veio a ser nomeado presidente da Sociedade Brasileira de Belas Artes (SBBA), o que permitiu que este elaborasse regras para projetar e construir edificações neocoloniais. Todavia, em 1930, no período de maior aceitação do neocolonial, despontou a Revolução de 30 que tirou o presidente do poder e representou a ruptura de vários modelos republicanos praticados, inclusive no campo da arquitetura. Desse modo, as pautas e os valores que simbolizavam a Primeira República foram repensados visando desatrelar a imagem nacional de tudo que estivesse ligado aos períodos históricos anteriores. Através dessa reviravolta, o arquiteto e urbanista Lúcio Costa foi nomeado para o cargo de José Mariano, delineando novos valores para a modernidade. Mesmo tendo atuado no campo do neocolonial, o arquiteto se destacou pela propagação e precursão da linguagem modernista, rompendo os vínculos com as estéticas do passado (BRANDÃO, 2013).

Apesar disso, o neocolonial não deixou de ser adotado. De 1930 até 1950, o estilo ainda era perpetuado por José Mariano e outros profissionais e entusiastas, os quais continuaram concebendo projetos voltados ao público popular. Quiçá, este foi o período de maior aceitação e adesão do modelo, não apenas pela facilidade de compreensão linguística, mas também pela resistência ao modernismo, o qual era assimilado com dificuldade devido aos próprios princípios formulados e divulgados entre os intelectuais modernistas (BRANDÃO, 2013).

Através da divulgação pelas mídias modernas, o movimento capaz de oferecer a tão sonhada “casa boa de morar” foi cada vez mais adotado, sobretudo pela emergente classe média formada por comerciantes, médicos e profissionais liberais, os quais pouco ligavam para o ideal de recuperar as tradições nacionais (BRANDÃO, 2013).

Outro aspecto que fortaleceu a adesão ao neocolonial pela classe média foi o elevado crescimento dos centros urbanos, os quais, em geral, ainda conservavam os traços urbanísticos do período colonial. Por conta da falta de infraestrutura, das ruas estreitas, do excessivo crescimento populacional, do uso de automóveis, do alto investimento imobiliário e dos altos valores dos aluguéis, morar em bairros centrais se tornou cada vez mais difícil. Por essa razão, o poder público promoveu medidas para favorecer a isenção de impostos e a instauração de regulamentações para as construções, as quais eram atendidas pelo neocolonial (BRANDÃO, 2013).

Em paralelo, houve um grande crescimento das ferrovias e parques industriais, configurando novos espaços de morar. Nas proximidades das indústrias e regiões periféricas, surgiram as vilas operárias, efetivando a expansão das cidades e a popularização do neocolonial. Aliás, a tipologia mais adotada pela classe popular foi aquela composta por três volumes (frontão, varanda e corpo da casa) ou por dois volumes (corpo da casa e fusão da empena frontal com a varanda). Já nas edificações das classes mais abastadas, a quantidade e dimensão de volumes foram aumentadas ao longo da profundidade do terreno (BRANDÃO, 2013). Os aspectos basilares que caracterizam essa arquitetura são apresentados a seguir.

2.2 CARACTERÍSTICAS DA ARQUITETURA NEOCOLONIAL BRASILEIRA

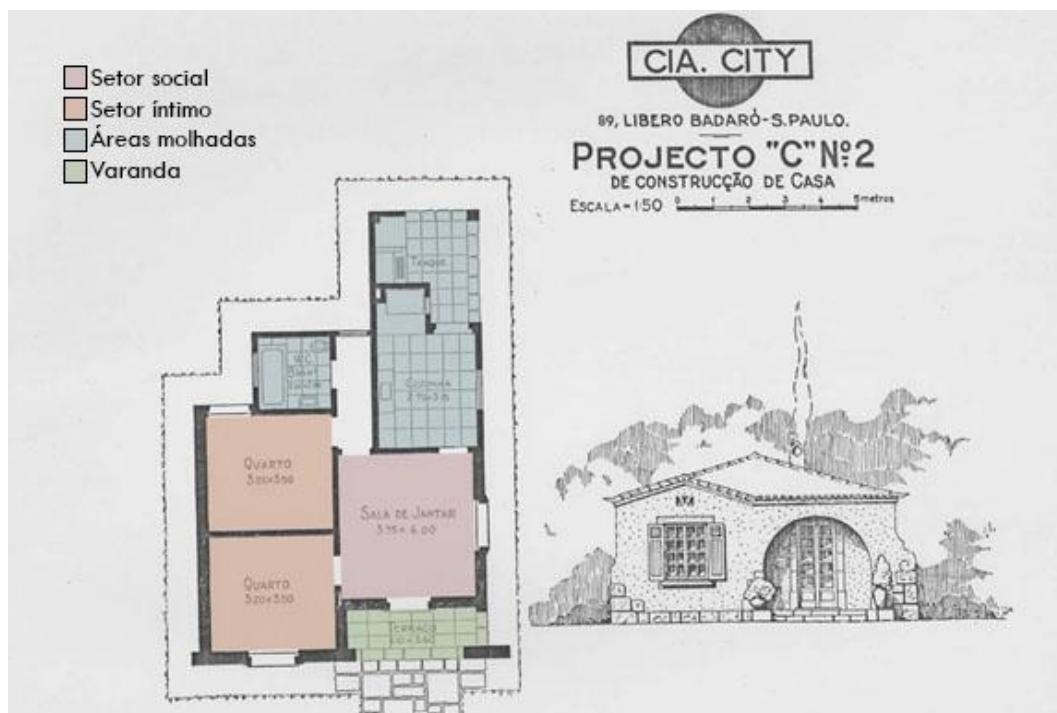
No que diz respeito à volumetria, os telhados das casas neocoloniais são distribuídos em várias águas e utilizam telhas cerâmicas, beirais e chaminés. Nas fachadas, é comum encontrar acabamentos que imitam pedras, referenciando a rusticidade colonial, com reboco liso, em texturas irregulares ou formas geométricas. Nos frontões, são vistos nichos cegos ou vazados, retangulares, triangulares, em losango ou circulares, fazendo alusão aos óculos das igrejas coloniais, contando às vezes com a presença de gradis, os quais também são usados em portões e aberturas, com as esquadrias em madeira, e às vezes com veneziana (BRANDÃO, 2013).

Todavia, o principal elemento identificador da arquitetura neocolonial é a varanda ou alpendre, o qual delimita o acesso de visitas em uma proporção que gera mais privacidade aos moradores, pois impede o acesso direto às áreas mais íntimas e internas da casa. Comumente, as varandas são em arco ou com composições geométricas que dão destaque à fachada da casa (BRANDÃO, 2013).

Nas varandas frontais, anexas às cozinhas ou demarcando a separação das casas, situam-se as colunas. Estas podem ser espiraladas, com o corpo bulboso ou retilíneas e demarcadas com as pedras e texturas da fachada. Podem também estar embutidas em paredes, dividindo janelas em bíforas e tríforas. Em seus capitéis é possível encontrar exemplos dóricos, jônicos coríntios, toscanos e composições estilizadas, além de detalhes manuelinos, góticos, hispânicos e mouriscos, os quais aparecem também em arcos, texturas no formato das edificações (BRANDÃO, 2013).

A modernidade do início do século XX expressa pelas características externas e estéticas das casas neocoloniais também são retratados na sua organização interna, pois são mais compactas, higiênicas e econômicas, sem grandes corredores, dividindo-se em três setores: social, íntimo, de serviços ou “áreas molhadas”. O acesso geralmente acontece através da varanda, que liga o jardim às salas de estar ou jantar (setor social). Os dormitórios (setor íntimo) são dispostos na frente ou nas laterais, todos com janelas para iluminação e ventilação natural. Já a cozinha, o banheiro e a área de serviço (áreas molhadas), que nos estilos arquitetônicos anteriores eram separadas do volume principal da casa, passam a fazer parte do seu interior, geralmente nos fundos, relacionadas com o quintal e próximas entre si, reduzindo gastos com encanamentos.

Figura 01 - Mapa dos principais caminhos de tropas do Sul do Brasil, séculos XVII, XVIII e XIX.



Fonte: Echos Arquitetos, 2016. Adaptado pelas autoras, 2022.

Esse esquema se repete nas edificações de dois pavimentos, com a diferença de que no pavimento superior se localizam os dormitórios e geralmente outra varanda. Além disso, nas casas mais abastadas pode existir um “quarto de banho” junto à área íntima (BRANDÃO, 2013).

Figura 01 - Mapa dos principais caminhos de tropas do Sul do Brasil, séculos XVII, XVIII e XIX.



Fonte: Echos Arquitetos, 2016b. Adaptado pelas autoras, 2022.

Tais características dessa nova arquitetura foram difundidas pelas mídias da época, como cinema, revistas e imprensa, influenciando os padrões comportamentais dos leitores e espectadores. Foi através dessa divulgação que o neocolonial alcançou cidades menores do interior do Brasil, como é o caso dos municípios estudados, onde o estilo se manifestou condicionado às questões culturais, climáticas, econômicas e técnicas locais, conforme apresentado a seguir.

2.2 A URBANIZAÇÃO DA MESORREGIÃO SERRANA DE SANTA CATARINA

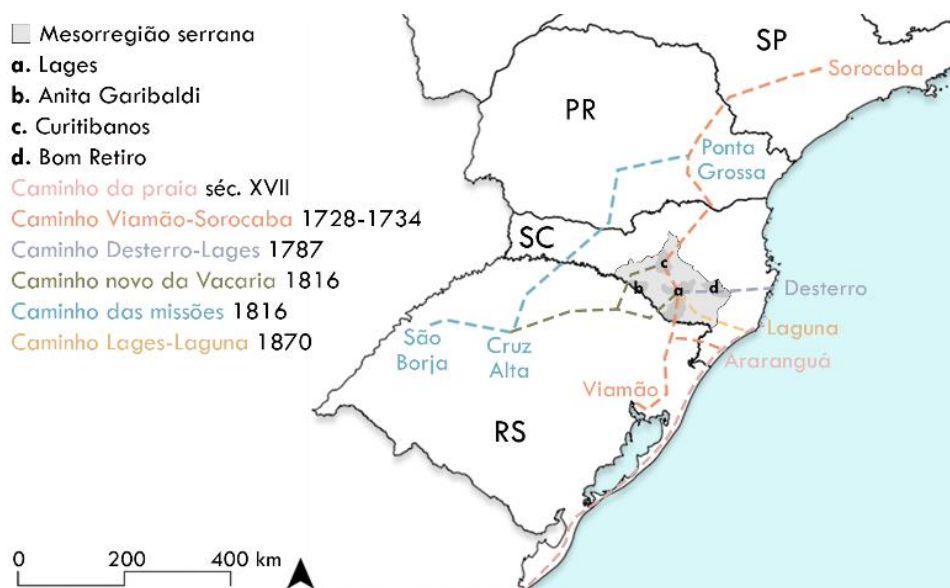
Esta pesquisa, embora apresente como área de estudo principal a cidade de Lages, também engloba outros três municípios da região serrana, sendo estes Anita Garibaldi, Bom Retiro e Curitibanos, que apesar de serem cidades menores também contam com alguns exemplares da arquitetura neocolonial. Contudo, essas cidades não estão correlacionadas apenas através de seu patrimônio material edificado.

Historicamente, a origem desses povoados possui estreito vínculo com os Caminhos de Tropas, nos séculos XVIII e XIX.

Resultando de uma ação oficial, a exemplo de Lages, que teve traçado urbano planejado, ou decorrentes da evolução de “pousos” de tropeiros, mesmo caso de Campos Novos e de Curitibanos, esses núcleos surgiram e se desenvolveram às margens dos caminhos, cercados por fazendas de criação de gado, estando, portanto, diretamente relacionados ao ciclo da pecuária, à atividade tropeira e ao tipo de sociedade que produziram. (SANTOS, 2020, p. 77).

De fato, o surgimento dessas antigas vilas ocorreu concomitantemente ao primeiro ciclo econômico da mesorregião serrana, o tropeirismo, o qual estava associado a passagem das tropas de gado e mulas, que vinham de Viamão/RS e seguiam a caminho de Sorocaba/SP para serem vendidas na feira. A viagem iniciava no Rio Grande do Sul, passando pelos corredores de taipas, conhecidos como Caminho das Tropas, localizados no interior de Lages, na Coxilha Rica, seguindo até São Paulo, formando a chamada Estrada Viamão/Sorocaba. Contudo, o sistema viário da região não se restringiu a esse caminho. Novas estradas foram abertas nos séculos XVIII e XIX tendo em vista não somente os interesses dos tropeiros em ampliar seus negócios, mas também as necessidades da Coroa Portuguesa em efetivar seu processo de expansão territorial e defender o litoral das ameaças de investidas espanholas. Assim, conformou-se uma rede de caminhos ao longo dos quais foram fundadas povoações para a ocupação de áreas até então devolutas em apoio aos anseios das autoridades oficiais e da aristocracia rural. (SANTOS, 2020).

Figura 01 - Mapa dos principais caminhos de tropas do Sul do Brasil, séculos XVII, XVIII e XIX.



Fonte: SANTOS, 2020, p. 63. Adaptado pelas autoras, 2021.

Dentre esses povoados, podemos citar Lages, quarta cidade mais antiga de Santa Catarina e principal núcleo urbano do Planalto Catarinense ainda nos dias de hoje, visto que até meados do século XX, exerceu forte influência socioeconômica, política e cultural sobre a região. Fundada em 1766 com o nome de Nossa Senhora dos Prazeres do Sertão das Lajens pelo guarda-mor e regente do Sertão de Curitiba Antônio Correia Pinto de Macedo, a localidade foi elevada a Vila em 1771, tendo seu território e jurisdição transferidos para a Capitania de Santa Catarina em 1820 e sendo finalmente, em 1860, elevada à categoria de cidade. O tímido aumento populacional e expansão da atividade pecuária nos séculos XVIII e XIX resultou na criação de freguesias (distritos) que integravam o território lageano, incluindo Curitibanos, Anita Garibaldi e Bom Retiro. Com exceção de Curitibanos, emancipada ainda no século XIX (1869), as demais localidades foram elevadas à categoria de município somente durante o século XX: Bom Retiro em 1923 e Anita Garibaldi em 1961.

Logo, o período de emancipação e estruturação de inúmeras cidades catarinenses coincidiu com o fim do tropeirismo e a emergência de um novo ciclo econômico baseado na exploração da madeira araucária. Em outras palavras, o século XX representou a supremacia das áreas urbanas na Serra Catarinense, com destaque para a cidade de Lages, levando em consideração o surgimento de novas atividades e a chegada de novos grupos e imigrantes em busca de trabalho nas madeireiras. O tímido crescimento dos séculos anteriores tomou, então, significativas proporções, resultando em um efetivo crescimento populacional e urbano e, por conseguinte, em uma busca incessante das elites pela imagem de modernidade dos grandes centros. Além das novas arquiteturas em estilo Art Déco, surgiram também, principalmente entre 1940 e 1950, edificações resultantes do estilo neocolonial, as quais buscaram responder a novos programas de necessidades, bem como a uma nova configuração do espaço urbano e legislação.

2.3 O SONHO DA MODERNIDADE EM LAGES

Ao longo do século XX, por conta da mudança da fonte econômica da pecuária à madeira, novos grupos e novas atividades se estabeleceram em Lages para dar suporte às grandes madeireiras. A cidade ganhou um novo ritmo, e a elite buscou igualar-se à modernidade de grandes centros, como São Paulo e Porto Alegre.

Em outras palavras, consolidou-se um discurso de urbanização pela elite, cuja base principal foi a “integração ao sonho do moderno”. Assim, para romper com a imagem “rural” da cidade e delinear uma nova visão refletindo os “tempos modernos”, investiu-se na remodelação urbana e na construção de casas e edifícios públicos com novos estilos arquitetônicos. Através dessas intervenções, os setores econômicos tradicionais criaram uma imagem ligada ao progresso, mas ao mesmo tempo articulada a aspectos tradicionais, de modo que as arquiteturas “modernas” se construíram pela continuidade e não pela ruptura (PEIXER, 2002).

A literatura demonstra que, em momentos de transformação econômica, os novos grupos ou novos ricos procuraram imprimir, dar visibilidade ao seu novo status através, entre outros aspectos, do estilo arquitetônico. Entre as décadas de 40 e 70 houve uma alteração substancial no estilo da cidade, novos prédios e novas residências, com linhas que remetiam ao estilo art déco. Foi um período de forte transformação econômica com novos grupos estabelecendo-se na cidade, todavia, a hegemonia política e econômica ainda se mantinha nas mãos dos antigos fazendeiros e seus aliados. (PEIXER, 2002, p. 149)

Além do estilo art déco, muito utilizado nos cinemas, teatros e edifícios da cidade, Lages adotou o estilo neocolonial e em grande parte da vertente denominada missões californiano com partido mais simples, edificando um número considerável de residências as quais foram construídas em sua maioria entre as décadas de 40 e 50, com características como arcos góticos, abatidos ou plenos, emoldurados por pedras, como símbolo de mostrar “rusticidade”, dispensando a simetria, privilegiando alpendres avarandados (DIENER, 2018).

Apesar do suposto embelezamento da cidade, intensificaram-se os conflitos entre a elite política tradicional, as disputas econômicas e os problemas sociais. A remodelação urbana e as novas arquiteturas camuflaram os problemas da falta de moradia e de disputa pelo espaço social da cidade, aspectos que foram incorporados em políticas públicas moldadas pelo discurso higienista. Por conseguinte, os novos estilos encontram espaço para se consolidar cada vez mais, como a própria arquitetura neocolonial, pois essa se adequou à legislação e planejamento urbanos com a construção de casas soltas no lote, com jardins e quintais, plantas compactas, instalações de água encanada, elétricas e a gás, conformando um padrão de residência mais confortável, ventilada e iluminada.

Figura 02 - Edificação neocolonial de Lages/SC e os elementos característicos da linguagem.



Fonte: Acervo da pesquisa, 2021.

É possível perceber que o estilo neocolonial da mesorregião serrana se manifesta comumente em edificações residenciais. Alguns elementos são frequentemente identificados como os indicados no exemplar da imagem acima: 1 - acabamentos imitando a pedra; 2 - telhados em várias águas com telha cerâmica e beiral; 3 - varanda frontal à casa em arco; 4 - frontão simples triangular; 5 - óculo; 6 - gradis em portões e aberturas; 7 - alvenaria de tijolos com reboco texturizado; 8 - chaminé; e 9 - esquadrias em madeira com veneziana. Além disso, também constam elementos metálicos em ferro fundido ou zinco nas calhas e dutos pluviais. Em sua maioria as edificações existentes são de caráter modesto e representam a simplificação do estilo neocolonial se comparado aos grandes centros urbanos.

3 ABORDAGEM DO PROJETO CULTURAL

Considerando o período de pandemia por Covid-19, adaptações dos procedimentos metodológicos foram feitas durante o desenvolvimento do projeto, principalmente no que tange ao alcance do inventário de campo, que em boa parte se limitou aos elementos externos, e no contato com os moradores. Esses ajustes ocorreram frequentemente durante as reuniões semanais da equipe do projeto pelo Google Meet.

Para facilitar o entendimento, a execução do projeto foi subdividida em três vieses sendo o primeiro, um viés teórico; o segundo, prático; e o terceiro, de promoção e divulgação.

Destacamos também como aspecto fundamental que incorpora todas as nossas ações a preocupação com aspectos que vão além da materialidade do bem e da atribuição dos valores arquitetônicos, mas também as relações afetivas dos moradores e comunidade em geral. Daí deriva-se o nome das nossas redes sociais: *memórias que habitamos*.

3.1 PESQUISA TEÓRICA

Para a etapa teórica foi realizada a pesquisa bibliográfica sobre a produção do estilo neocolonial desde a escala continental até o contexto das cidades estudadas. Além disso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre o processo de urbanização das cidades estudadas, mas que em sua maioria ainda carecem de informações sistematizadas.

As lacunas deixadas na pesquisa bibliográfica foram preenchidas através da pesquisa documental no arquivo histórico do Museu Thiago de Castro em Lages e, em acervos iconográficos pessoais. Nessa etapa, devido à situação de pandemia por Covid-19, a visita ao arquivo histórico teve horário e alcance limitado. Mesmo assim, foi possível encontrar mapas que auxiliam a compreensão dos eixos de crescimento urbano de Lages/SC, além de imagens que ilustram a presença de diversas edificações neocoloniais já demolidas.

Todo o material coletado foi carregado em uma nuvem criada apenas com esse intuito, a fim de facilitar o acesso, o armazenamento e o compartilhamento das informações entre a equipe. A sistematização e análise do material foi divulgada no caderno final entregue à Fundação Catarinense de Cultura e serviu como embasamento para análise do material coletado na pesquisa de campo.

3.2 LEVANTAMENTO DE CAMPO E INVENTÁRIO ARQUITETÔNICO

A fim de fazer uso da tecnologia disponibilizada, poupar tempo e evitar ao máximo saídas a campo que pudessem pôr a equipe em risco por conta da pandemia, foi feito

o levantamento de varredura das casas através da plataforma Google Streetview e mapeamento pelo software QGis. Dessa forma, já foi criado uma espécie de roteiro para as visitas a campo presenciais.

As visitas a campo aconteceram uma vez por semana ou uma vez a cada duas semanas, dependendo da disponibilidade da equipe e das condições climáticas, geralmente às tardes. Estas ocorreram da seguinte maneira: com um planejamento prévio e seleção das casas a serem visitadas, as integrantes se dividiram em duplas e foram até as edificações para tentar contato com o dono ou inquilino, com o intuito de saber informações sobre a casa. As entrevistas foram feitas de maneira livre, mas sempre procurando que os entrevistados relatassem sobre a experiência do habitar. Em certos casos, foi possível extrair informações mais específicas como datas de construção e reformas.

Além da entrevista, a visita à campo teve como objetivo fotografar a edificação, sua composição volumétrica, detalhes construtivos, ornamentos, relação com o lote, jardins e demais elementos. Tais informações e fotografias foram organizadas na ficha de inventário arquitetônico, cujo modelo foi feito pela equipe do Projeto Piloto - Arquitetura neocolonial em Santa Catarina: do erudito ao popular, que aplicou as mesmas fichas na cidade de Florianópolis.

Figura 03 - Ficha completa de edificação neocolonial em Lages.


ARQUITETURA NEOCOLONIAL EM SC: DO ERUDITO AO POPULAR – ETAPA REGIÃO SERRANA
FICHA DE VARREDURA



DADOS GERAIS		
CÓD. IMÓVEL: Cen05	Bairro: Centro	
Data e Hora: 29/01/2021	Nome do resp.: -	
Endereço do imóvel: R. Prof. Trejano, 40 - Centro		
Coord. Geográficas – Lat.: -27,81116 Long.: -50,32296		
Natureza da propriedade: () pública (x) privada () outra () não identificado		
Observações:		
Uso: (x) residencial () inst. Pública () comercial () serviços () outro		
Observações:		
Estado de conservação: (x) ótimo () bom () regular () ruim () péssimo		
Estado de preservação: () íntegro (x) pouco alterado () muito alterado		
Tipo de alteração: () alteração de volume () alteração do telhamento () substituição das esquadrias () fechamento de vãos () inserção de elementos estranhos na fachada: placas e rampas (x) outro: possível abertura de janelas / substituição de esquadrias		
TIPOLOGIA		
Item	Sim/não	Observação
Relação com o lote		
Recuo Frontal	sim	
Afastamento lat. Direita	sim	
Afastamento lat. Esquerda	sim	
Jardim	sim	() bem vegetado (x) pouco vegetado
Quintal	sim	(x) fundos () laterais
Relações entre o espaço aberto e a edificação		
Muros	sim	() todo de pedra

		(x) base de pedra () textura com imitação de pedra () outro:
Gradis originais	sim	nos óculos e aberturas
Novos elementos de cercamento	não	() grades altas () vidro () cercas elétricas () outro:
Varanda frontal	sim	() embutida () projetada (x) unificada ao volume em avanço
Escada de acesso (jardim-edificação)	sim	Nº de degraus aprox.: 8
		(x) sem guarda-corpo () g-c em alvenaria () g-c em outro material:
A organização interna das edificações (com acesso ao imóvel ou aos projetos)		
(x) verificado in loco () verificado no projeto (x) sem acesso a parte interna		
Sala de banho junto às áreas íntimas		
Lavatório/ nível social		
Garagem acoplada a casa	sim	(x) lateral () fundos
Posição da cozinha		(x) no corpo principal () em anexo
Composição volumétrica		
Nº de pavimentos	1	edificação com sótão
Número de volumes principais	2	
Número de panos de telhado	2+1+3	
Panos circulares	não	
Telha cerâmica	sim	Outros materiais:
Mansardas	não	
Varanda inferior	sim	
Varanda superior (sacada)	não	
Torreão	não	
Bay window	não	
ELEMENTOS ESTILÍSTICOS ADOTADOS		
Item	Sim/não	Observação
Elementos externos (de fachada)		
Reboco	sim	() liso () desempenado (x) rústico com textura
Reboco com motivos geométricos	sim	(x) alto relevo () baixo relevo
		Forma geom. utilizada: retangular:
		(x) frisos baixo relevo () frisos em alto relevo
Presença de pedras	sim	(x) pedras naturais

		(x) textura imitando pedra Locais: (x) base da casa (x) arcos da varanda (x) cantos dos volumes (x) espalhadas pelas paredes
Verge das varandas	sim	() reta (x) arco pleno () arco abatido () semicirculo () outra: _____
Colunas nas varandas	Sim	(x) continuidade do volume frontal () redonda () quadrada () retorcida () outra: _____
Frontão	sim	(x) triangular () Platibanda tipo "chafariz colonial" () outra: _____
Óculo no frontão	sim	() Nichos cegos (x) Nichos vazados Nº de nichos: 01 Forma: () circular (x) triangular () losango () ovalado () outro: _____
Gradil no óculo	sim	
Decoração no frontão	sim	Material: (x) massa () ferro () outro: _____ Forma: () circular () triangular () losango () oval (x) outro: retangular
Esquadrias das janelas	sim	(x) aparentemente originais: () bandeira () veneziana interna (x) veneziana externa () guilhotina () postigo (cego) () basculante (x) folhas de abrir com almofadas em vidro (x) folhas de abrir com almofadas em vidro e madeira – venezianada (x) novas: De correr alumínio e vidro. () outra: _____
Porta principal	sim	() madeira (x) madeira e vidro (x) 01 folha () 02 folhas () bandeira superior () panos laterais () outros: _____
Acabamentos e ornamentos internos		
		() verificado <i>in loco</i> () verificado no projeto (x) sem acesso a parte interna
Piso cômodas secos		() parquet () tábuas corridas

		() ladrilho hidráulico () cerâmica vermelha () outro tipo de cerâmica () outros: _____
Piso ambientes molhados		() ladrilho hidráulico () cerâmica vermelha () outro () outros: _____
Piso varandas		() ladrilho hidráulico () cerâmica vermelha () outro tipo de cerâmica () outros: _____
Forro ambientes internos		() gesso () madeira () laje () outros: _____
Forro varandas		() gesso (x) madeira () laje () outros: _____
Soleira das portas		() sem soleira diferenciada () cerâmica vermelha () madeira () outro tipo de cerâmica () outros: _____
Peitoril (janelas)		(x) reboco (x) cerâmica vermelha () granito () outros: _____

Fonte: Acervo da pesquisa, 2021.

A recepção dos moradores foi melhor do que o esperado, mesmo no contexto pandêmico. Porém, por segurança e respeito às normas de distanciamento social, optamos por não adentrar nas edificações, fotografando eventualmente os espaços internos a partir das vistas das aberturas externas como janelas e portas. Ademais, considerando que um dos principais elementos da casa neocolonial é a varanda frontal, o recuo de ajardinamento, o muro e o gradil frontal, esses lugares foram o cenário da nossa interação com os moradores. Enquanto das varandas os moradores relatavam a sua experiência do morar e as suas memórias com as edificações neocoloniais, do muro nós ouvíamos e registrávamos as narrativas e afetos para posteriormente valorizá-los na pesquisa e nas postagens das redes sociais.

3.3 AÇÕES DE DIVULGAÇÃO E PROMOÇÃO DO PATRIMÔNIO

Por fim, após decidir o tema das postagens nas reuniões semanais da equipe, de acordo com as memórias e informações coletadas nas visitas a campo, a equipe elaborou as legendas e as colagens para publicação no Instagram e no Facebook da página Memórias que habitamos. Geralmente, são feitas duas publicações por

semana, com abordagens distintas: a primeira, com um viés mais arquitetônico - explicando os elementos, a distribuição dos cômodos, a contextualização histórica - e a segunda, com um viés mais sensível - contando as histórias ouvidas nas visitas a campo de quem habita nessas residências. As legendas foram escritas de acordo com os temas de maneira sucinta, em prol de uma leitura rápida e dinâmica. As imagens postadas, em sua maioria, foram colagens digitais feitas pela equipe no Photoshop com o intuito de chamar atenção dos usuários, seguindo uma cartela de cores definida desde o início do projeto.

Figura 04 - Exemplos de publicações do Instagram @memoriasquehabitamos.



Fonte: Acervo da pesquisa, 2021.

Ao longo das visitas, nossa equipe ouviu dos moradores as mais variadas memórias, como a história do seu Hercílio, que ajudou a construir o portal da Epagri de Lages; as memórias de dona Lúcia, que com muito carinho nos mostrou em seu álbum de fotografias todos os momentos vividos em sua casa ao longo de 50 anos; e, por fim, a história de dona Gertrudes, que cuida com tanto carinho de seu jardim em memória aos seus entes queridos. Esses e mais exemplos foram publicados nas redes sociais e obtiveram uma ótima repercussão devido à sensibilidade que as legendas e imagens demonstraram.

Além das redes sociais, o projeto promoveu dois eventos gratuitos de discussões e conscientização da preservação do patrimônio arquitetônico da serra catarinense. Sendo, o primeiro, uma capacitação para os professores de História e Geografia do município de Lages/SC, através do 3º Encontro de Estudos de Ciências Humanas – SMEL. Para adaptar o encontro nos moldes virtuais, a equipe elaborou uma linha do tempo da história da cidade de Lages, ilustrada com mapas de evolução urbana e imagens das edificações mais significativas de cada período. Além de destacar a importância da preservação do patrimônio, o intuito da atividade foi mostrar para os professores toda a potencialidade de se estudar a história e geografia local a partir das manifestações materiais. O material produzido para o evento foi disponibilizado em .pdf para os professores de forma que possam utilizá-lo em suas aulas. Ademais, essa experiência resultou no projeto “Mapa ilustrado do patrimônio arquitetônico de Lages”, contemplado pelo Prêmio Elisabete Anderle de 2021.

O segundo evento realizado foi voltado para o público acadêmico, onde, com a participação de pesquisadoras acadêmicas referência no assunto, foram apresentadas três pesquisas sobre a arquitetura neocolonial no estado de Santa Catarina: Florianópolis, Sul e Planalto Serrano. Este evento foi gravado e disponibilizado no Canal do Youtube da Udesc Laguna.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim dos doze meses de desenvolvimento do projeto, foi possível constatar a pertinência de incluir nos trabalhos de arquitetura não só os aspectos técnicos, mas especialmente os sentimentos que constroem a identidade individual e coletiva. A sensibilização da comunidade através das memórias possibilitou sua participação mais ativa no desenvolvimento da nossa pesquisa e das nossas redes sociais. Isso significa que a articulação entre memória afetiva e comunicação social online pode ser um instrumento eficiente e democrático de educação patrimonial, contribuindo para criar um senso de responsabilidade acerca da preservação da nossa herança tangível e intangível. As mídias sociais foram pertinentes, também, levando em conta a divulgação científica no contexto da pandemia do Covid-19, a qual nos exigiu a adaptação das ferramentas metodológicas e trouxe dificuldades quanto ao levantamento de campo e o contato com as pessoas.

Outra dificuldade da pesquisa contemplou o fato de algumas das casas inventariadas estarem em desuso ou sendo alugadas, de modo que a falta de conexão emocional com a arquitetura por vezes impossibilitou a coleta de certos dados e relatos. Daí, novamente, a valia de buscar as “memórias que habitamos”.

Não obstante, evidenciamos que a importância da nossa iniciativa não está pautada somente na conscientização das pessoas sobre a importância da arquitetura neocolonial para a Mesorregião Serrana, mas também na influência para futuras políticas públicas visando a salvaguarda desse patrimônio ameaçado. O mapeamento das edificações neocoloniais, em sua maioria residenciais e modestas, mas presentes em grande quantidade nas cidades pesquisadas, pode servir também de subsídio para estudos sobre a evolução urbana dessas áreas, pois comumente os conjuntos dessas casas configuram os primeiros anéis de expansão dos centros urbanos em questão. Assim, esperamos contribuir para a preservação do patrimônio neocolonial que se manifesta em diversas cidades brasileiras médias e pequenas, como exemplo de Lages, Anita Garibaldi, Bom Retiro e Curitiba.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Ramón. **Arquitetura Neocolonial: arquitetura da felicidade**. Juiz de Fora: FUNALFA, 2013.

DIENER, Kareen C. Z. **Lages em detalhes**. Edição da autora, Lages, 2018.

Echos Arquitetos. [s. n.], 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/EchosArquitetos/photos/a.854299508007675.1073741832.269597463144552/869169613187331>. Acesso em: 12 jun. 2022.

Echos Arquitetos. [s. n.], 2016b. Disponível em: <https://www.facebook.com/EchosArquitetos/photos/a.854299508007675.1073741832.269597463144552/876475615790064>. Acesso em: 12 jun. 2022.

PEIXER, Zilma Isabel. **A cidade e seus tempos: o processo de constituição do espaço urbano em Lages**. 1. ed. Lages: Uniplac, 2002.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1970.

SANTOS, Fabiano Teixeira dos. **A Casa do Planalto Catarinense: Arquitetura rural e urbana nos campos de Lages, séculos XVIII e XIX**. 2. Ed. rev. e ampl. Lages: Fazer Gestão Cultural, 2020.